



A homilia que o papa nunca fez

Uma pérola secreta da história marista: qual era a sua mensagem oculta?

Ir. Michael Green

Os Maristas que tiveram a sorte de estar em Roma há vinte e cinco anos para a canonização de São Marcelino recordam essa semana memorável. Extraordinária também. Muitos milhares de pessoas convergiram para a Cidade Eterna, vindos de todas as partes do mundo marista. Durante vários dias participaram de concertos, recepções, encontros de jovens e liturgias celebrativas; eles estavam enfeitados com lenços comemorativos e outras recordações; eles cantavam músicas especialmente encomendadas; eles se conheceram e festejaram. Numa manhã ligeiramente chuvosa de domingo, 18 de abril, os peregrinos lotaram a praça de São Pedro para ouvir o Papa João Paulo II proclamar a santidade de Marcelino Champagnat. Uma enorme imagem de uma nova pintura do Fundador estava pendurada no andaime que escondia a fachada da Basílica então em reforma. As celebrações continuaram bem depois da missa, quando os maristas tomaram conta de Roma. Foi um grande evento.

Mas, sem o conhecimento de todos, exceto dos organizadores, uma das atividades planejadas não foi adiante.

Esperava-se que na manhã seguinte à canonização houvesse uma audiência papal especial para os peregrinos maristas, talvez na Sala de Audiências Paulo VI, onde os vários grupos nacionais haviam realizado um concerto só de canto e dança no sábado anterior à noite. Por diversos motivos não foi possível agendar. Acabou havendo uma missa para todos naquela manhã na Basílica de São Paulo Extramuros, mas não foi presidida pelo Santo Padre.

Como parte do planejamento para aquela audiência, o Irmão Charles Howard, ex-Superior Geral então aposentado em Sydney, foi consultado confidencialmente pelo Vaticano se ele escreveria um discurso para o Papa entregar aos peregrinos maristas. O rascunho desse texto sobreviveu. Nunca foi publicado, nem sequer conhecido. O vigésimo quinto aniversário da sua não entrega parece ser um momento apropriado para trazer isso à luz.

O rascunho está escondido nos arquivos deste escritor desde 1999. Na época, o Ir. Charles estava residindo na Casa Provincial dos Irmãos, em Sydney. Perto da festa de São Marcelino, no dia 6 de junho daquele mesmo ano, cada um dos Irmãos da comunidade acordou e encontrou um bilhete datilografado enfiado sob a porta de seu quarto (uma prática de toda a vida do Irmão Charles!). Fornecia-lhes algumas informações básicas sobre o projeto do discurso papal que ele havia preparado e sugeriu que poderia ser útil incluir na oração comunitária da manhã:

Queridos irmãos

No final do ano passado pediram-me que preparasse algumas notas para facilitar o trabalho de quem preparava o Discurso do Santo Padre aos peregrinos no dia seguinte à canonização de São Marcelino.

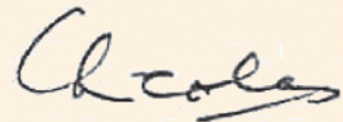
Essas notas consistiam em:

1. Algumas breves notas biográficas.
2. Alguns aspectos mais importantes da espiritualidade de Marcelino.
3. Um número limitado de referências extraídas principalmente de:
 - escritos recentes do Papa João Paulo II
 - trechos das Constituições dos Irmãos Maristas
 - alguns escritos do Ir. Benito

No final de cada secção incluí dois ou três parágrafos de sugestões para o Discurso, partindo das referências mencionadas no número 3 e das minhas próprias ideias. Ao todo, o trabalho chegou a cerca de 15 páginas.

A seguir estão os parágrafos que considero que podem ser úteis para os redatores de discursos. Bem, “é uma pena se for desperdiçado!

Talvez você pode querer usá-lo para orações na quinta-feira, pois terei partido para Camberra.



Os Irmãos acolheram obedientemente a proposta do seu ex-geral, mas uma pequena comunidade de oito Irmãos era uma assembleia consideravelmente mais modesta do que os cerca de dez mil maristas que, de outra forma, poderiam ter ouvido as palavras de Charles através do Papa. Um quarto de século depois, talvez seja oportuno que essas palavras sejam recebidas por um público marista mais amplo.

Aqui está o discurso que o irmão Charles escreveu para o Papa João Paulo II:

Hoje, queridos amigos, celebramos um novo Santo, São Marcelino Champagnat, homem que é para nós um brilhante exemplo de fé. No centro de sua espiritualidade estava sua fé no amor de Deus e na presença e ação contínua de Deus em sua vida. Isto estava na raiz de seu notável zelo, compaixão, energia e entusiasmo. Foi isso que o sustentou em circunstâncias muito difíceis. Foi isso que lhe permitiu continuar a dizer “sim” a Deus, tal como Maria fez.

Cada um de nós, meus queridos amigos, tem um lugar especial no coração de Deus. Ele escreve na vida de cada um de nós um projeto de amor e de graça, convidando-nos, através das inspirações do Espírito Santo, a desempenhar a nossa parte na realização do Reino de Deus.

Cada um de nós tem uma vocação preciosa como discípulo de Cristo. Como membro da família marista mais ampla, encorajo-nos a apoiar-nos mutuamente em nossa vocação pessoal, a orarmos uns pelos outros para que sejamos sensíveis e fiéis aos chamados do Espírito Santo em nossas vidas. E rezar de modo especial pelas vocações às congregações maristas, à vida religiosa e ao sacerdócio.

Um grande amor por Maria foi uma das características mais importantes da vida de Marcelino Champagnat. Ele viu uma marca especial do amor e da providência de Deus no dom de Maria em Sua vida. Sua confiança em suas orações e em sua proteção brilha claramente ao longo de Sua vida. Maria é modelo e mãe para todos nós e pedimos-lhe que nos ajude a ser fiéis à nossa vocação cristã, a fazer nascer Jesus no coração dos outros. Ela é um modelo para nos abrirmos ao movimento do Espírito Santo em nossas vidas, ao amor de Deus e à coragem e paixão como discípulos de Jesus. Jesus foi o centro da vida de Maria; ele deve ser o nosso foco.

Todos somos chamados a continuar a missão de Jesus, a levar vida aos outros, e sei que muitos de vocês fazem isso na nobre vocação de ensinar. Muitos de vocês fizeram isso generosamente e de todo o coração durante muitos anos, às vezes em circunstâncias muito difíceis. Parableno vo-cês e agradeço.

Encorajo a todos a serem apaixonados pelo seu trabalho, a ser apaixonados pela difusão da Boa Nova com seu zelo, com o testemunho de sua vida, com a doação generosa de si mesmos ao serviço dos outros, especialmente dos jovens, e, entre os jovens, a ter um cuidado especial com os marginalizados e os mais necessitados. Sejam Marcelino para os jovens necessitados, para aqueles que buscam valores, um sentido para suas vidas. Sejam Marcelino para os jovens que precisam de alguém que os escute, que os encoraje, que os ame. Para vocês que estão envolvidos na educação,



nunca se esqueçam daquelas palavras de São Marcelino: “Para bem educar uma criança é preciso, antes de tudo, amá-la”.

Marcelino encorajou seus Irmãos a amarem uns aos outros e a amarem seus alunos. A sua insistência na importância de criar um espírito de família nas comunidades e nas escolas é um legado maravilhoso. Fazer com que alunos, professores, funcionários e pais se sintam em casa uns com os outros, sabendo que são aceitos e valorizados qualquer que seja seu papel ou posição social, é um belo presente e uma contribuição preciosa para o desenvolvimento das pessoas. Qualquer instituição educativa com um forte espírito de família terá um impacto evangelizador sobre todos os que com ela entram em contacto.

Louvo-os por tudo o que fazem para desenvolver este espírito de família, este sentido de comunidade, algo que é vitalmente necessário no mundo de hoje. Além disso, uma comunidade verdadeiramente cristã estará sempre pronta a alargar as suas fronteiras para abraçar outras pessoas necessitadas e a trabalhar pela reconciliação onde for necessário. Encorajo-os fortemente nisso – que possam ser mensageiros de amor, de justiça e de paz para a família humana mais ampla. Que suas instituições nunca se tornem bastiões dos privilegiados.

Sabemos que Marcelino Champagnat era um homem com uma preocupação especial pelos necessitados e desfavorecidos. Ele era um homem rico em compaixão e sensibilidade para com aqueles que estavam à margem da sociedade. Ele encorajou seus Irmãos a cuidarem de todas as maneiras possíveis das crianças mais pobres, mais ignorantes e mais chatas.

Exorto-os a seguir este exemplo de São Marcelino, a serem homens e mulheres solidários. O mundo precisa desesperadamente de um sentido de fraternidade que inclua um espírito de partilha no qual as pessoas considerem uma honra poder dedicar o seu cuidado e atenção às necessidades dos seus irmãos e irmãs em dificuldade. Queridos amigos, estamos no segundo ano de preparação para o Grande Jubileu do Ano 2000 e o Espírito Santo está em ação no mundo. Uma forma de vermos isto é no serviço altruísta daqueles que trabalham ao lado dos marginalizados e dos que sofrem, daqueles que trabalham por um mundo melhor e por uma sociedade mais justa.

Notei com alegria que, em situações sociais e políticas difíceis, os seus Irmãos são encorajados a permanecer com o povo tanto quanto possível e estou consciente de que nos últimos anos onze dos desses Irmãos sofreram mortes violentas por testemunho de sua fé, de sua coragem cristã e fidelidade ao povo. Existem também outros Irmãos que vivem em circunstâncias muito difíceis. Dirijo-me a estes homens e agradeço-lhes o testemunho de suas vidas, um encorajamento para todos nós sermos generosos na vivência da nossa fé e no nosso compromisso de solidariedade, como recomendou o vosso Capítulo Geral. “Esta é a hora de aceitarmos, de forma decisiva e inequívoca, o apelo evangélico à solidariedade”. Este apelo à solidariedade é muito importante para o nosso tempo e exorto a todos vocês a serem generosos e audaciosos ao seguirem este apelo que é claramente um apelo do Espírito.

Meus queridos amigos, é fácil olhar para o mundo de hoje e ver muitos fatores negativos que podem levar ao pessimismo. Mas creio que Deus está a preparar uma grande primavera para o cristianismo, e se nos abirmos ao Espírito Santo, poderemos transformar-nos em testemunhas ousadas e corajosas de Cristo e da sua mensagem. Foi o Espírito quem guiou os apóstolos, foi o Espírito quem levou Marcelino Champagnat a ser um líder tão corajoso e ousado. O mesmo Espírito nos concederá ousadia na divulgação da Boa Nova e em levar o amor de Jesus aos outros através da nossa preocupação, compaixão, disponibilidade e interesse pelos seus problemas e necessidades. Encorajem-se e fortaleçam-se mutuamente e o Espírito encherá seus corações de amor, paixão e ousadia. De diferentes maneiras, cada um de nós tem a capacidade de ser testemunha e líder ousado e corajoso.

Sejam audaciosos também como grupo. Sejam um exemplo luminoso de leigos e religiosos que trabalham juntos com ousadia na grande e árdua aventura da evangelização dos jovens e das suas famílias. Com o seu forte espírito de família podem ser modelos da nova visão da Igreja com a sua colaboração e parceria entre todos os membros. E juntos, compartilhando o carisma de Marcelino Champagnat, poderão trabalhar para proporcionar aos jovens uma renovada espiritualidade marial. Sejam ousados, meus amigos, sejam Marcelino hoje.

Agora, gostaria de dirigir uma palavra final aos Irmãos. Notei com grande alegria que um bom número de vocês manifestou sua disponibilidade para servir em situações difíceis, incluindo países onde alguns de seus confrades foram mortos nos últimos anos. Todos vocês, queridos Irmãos, estão sendo chamados ao heroísmo neste período crítico da história do seu Instituto. Todos vocês foram chamados a deixar-se transformar pelo Espírito Santo, a converterem-se e a fundar novamente o seu Instituto em fidelidade criativa ao espírito do seu Fundador, São Marcelino Champagnat. Hoje damos graças a Deus pela vida deste grande homem e pela inspiração que ele é para todos nós. Que seja também um dia de ação de graças pela nossa própria vida e pelos nossos apelos, um momento de renovação do nosso compromisso.

Em particular, rezo para que sejam corajosos ao empreender esta refundação que é tão importante para todos aqueles que estão servindo agora e que servirão no futuro. É também muito importante para toda a Igreja.

A todos vocês, membros da comunidade marista mais ampla, que caminham com os Irmãos em parceria colaborativa, orem com e por eles, pedindo a ajuda especial de Maria. Encorajem os Irmãos a serem audaciosos na sua solidariedade e na sua refundação, tal como fizeram no último Capítulo Geral.

Por vocês mesmos, rezo para que sejam encorajados pelo testemunho do nosso Santo a ver com maior clareza a dignidade da sua própria vocação de vida, o seu chamado a serem alegres testemunhas do Mistério Pascal de Jesus, homens e mulheres, jovens e idosos, chamados a serem mensageiros de esperança num mundo que tem fome de uma visão espiritual da vida.

Marcelino Champagnat foi um homem que tinha um grande amor pela Igreja e ficaria feliz em ver a união que buscamos hoje entre sacerdotes, religiosos e leigos, todos se entendendo, respeitando, encorajando e apoiando uns aos outros nos diferentes chamados vocacionais, todos com o chamado comum de continuar a missão de Jesus. Maravilhoso!

E agora, finalmente, peçamos a Maria, nossa Boa Mãe, que continue a inspirar-nos e a rezar por nós no nosso caminho de fé, esperança e amor.



Para apreciar os temas e as ênfases do texto que o Irmão Charles redigiu para o Papa, incluindo o que pode ser visto como seu subtexto ou mensagem oculta, é útil situá-lo no contexto marista em que foi escrito. O ano de 1999 foi 44 anos após a beatificação do Fundador e 34 anos após o fim do Vaticano II. Ambos os eventos foram altamente significativos para o movimento marista, o primeiro porque provou ser um catalisador para novos estudos e pesquisas sobre Marcelino, e o último pela forma como levou a um abraço mais amplo de mulheres e homens que estavam começando a se considerar como Maristas e que compartilhavam a responsabilidade de levar adiante o projeto de Marcelino como parte de sua própria vocação batismal.

Durante a década de 1990, estes dois desenvolvimentos cruzaram-se mais do que nunca. Houve bênçãos nisso, mas também perigos. O irmão Charles parece ter estado atento a ambos.

Na época da beatificação em 1955, as maneiras como Marcelino era conhecido e compreendido estavam se tornando um pouco distantes e repetitivas. Cada vez mais, elas pareciam pertencer a outra época.

Apesar de várias biografias terem surgido desde a do Irmão João Batista, um século antes, estas continham muito pouco em termos de novas pesquisas substanciais ou de novos insights. Eram mais uma reembalagem de narrativas antigas. Com exceção dos primeiros trabalhos, como o do Irmão Pierre Zind na França, mas em grande parte desconhecidos em outros lugares, tudo o que podia ser encontrado nas estantes maristas eram textos empoeirados e desatualizados. O primeiro volume de *Origines Maristes* – fruto da investigação inovadora de Jean Coste SM e Gaston Lessard SM – ainda estava a cinco anos de distância. As teses de mestrado e doutorado que começaram a surgir nas décadas de 1960 e 1970 sobre Marcelino Champagnat, sobre a espiritualidade e a educação maristas e sobre a história fundadora marista, ainda não tinham sido concebidas. O “cânone” fundamental em uso em todo o Instituto Marista não havia sido realmente ampliado desde a década



de 1860, e alguns livros nunca foram traduzidos do francês. Não é de surpreender que, em cerca de uma década, eles tenham caído em desuso. Eles falavam de um contexto esquecido.

As coisas mudaram acentuadamente durante as duas décadas após meados da década de 1970. Novas pesquisas, novos livros, tanto acadêmicos quanto populares, levaram à disponibilização de uma infinidade de cursos, programas e recursos. O Vaticano II apelou às famílias religiosas para redescobrirem e reinterpretarem os seus fundadores. O interesse por Marcelino foi reavivado. O que surgiu foi um homem que se enquadrou facilmente na igreja pós-conciliar. Novas pinturas e esculturas surgiram em todo o mundo marista. Músicas foram escritas. Marcelino foi repatriado no final do século XX. Sua sabedoria espiritual foi redestilada. Os Maristas entusiasmaram-se com esta nova imagem do Fundador: uma figura mais humana, inspiradora e atraente do que aquela que conheciam anteriormente. As cartas de Marcelino, em particular, revelaram um homem de compaixão, paixão, domínio espiritual e humor.

O bicentenário de seu nascimento em 1989 foi celebrado como o “Ano Champagnat” e sinalizou uma década de maior atenção a Marcelino. Ao apresentar o ano, como Superior Geral, o Irmão Charles Howard convidou as pessoas a encontrarem “um homem da terra, um homem de Deus, um homem de grande amor, um homem de bom senso.”¹ Foi publicada uma versão revisada e editada criticamente de *A Vida*, com um exemplar pessoal fornecido a cada Irmão e instituição marista. Na Casa Geral foi instalada uma nova escultura em cerâmica da vida de Marcelino, uma obra que capturou o zelo de Marcelino, a sua capacidade de chegar aos jovens, o seu entusiasmo e espírito de família. Um novo mural também foi revelado. Peças teatrais, musicais, canções, artes, esculturas, livretos e recursos tendo Marcelino Champagnat como tema foram produzidos em todo o mundo. A espiritualidade de Marcelino e sua abordagem ao ministério e à comunidade atraíram os maristas modernos.

A inspiração e a energia que derivaram de tudo isso foram bem-vindas e abundantes, mas os riscos latentes eram indiscutivelmente menos aparentes. O uso do Fundador como principal ponto de referência para os Maristas parecia quase onipresente. A versão em inglês do novo documento sobre educação marista, concluído em 1997, chamava-se *Nos passos de Marcelino Champagnat*², onde o Fundador era descrito como a “raiz vivificante” da educação marista. Os educadores maristas foram chamados a serem “discípulos” de Marcelino. E quanto à centralidade em Jesus Cristo?

Todo grupo eclesial que teve a sorte de ter tido um fundador inspirador e atraente precisa ter cuidado para não desenvolver algo semelhante a um culto à personalidade em torno de tal pessoa, ou para não romantizar a sua memória de tal forma que o fundador se torne o tema principal de sua narrativa. Fazer isso pode potencialmente usurpar a essência do carisma pessoal de um fundador com uma dinâmica que não se preocupa principalmente com o discipulado cristão ou com a missão Dei. Quando a história de um fundador ou uma identidade institucional é abraçada de forma acrítica ou não evangélica, o perigo criado involuntariamente pode ser um triunfo do estilo sobre a substância, ou da identidade sobre o propósito. O fato de Marcelino ser uma figura tão convincente e inspiradora, tanto em sua pessoa quanto em sua ação, era claramente um risco oculto para os Maristas.

Nessa época, durante a década de 1990, houve outro desenvolvimento significativo no mundo marista: um “alargamento da tenda” consciente e proativo. O impulso para isso vinha crescendo há mais de uma década – nomeado no Capítulo Geral de 1985, que por sua vez levou à fundação

¹ *Circulares dos superiores Gerais*. Vol XXIX. No. 4. p.157.

² Projeto Educativo Marista

do Movimento Champagnat da Família Marista alguns anos depois, e ao acolhimento de leigos no próximo Capítulo em 1993, a primeira vez que isso aconteceu. Cada vez mais, os leigos eram vistos não apenas como parceiros de missão ou colaboradores dos Irmãos, mas como “maristas” por direito próprio. O Ir. Charles os incluiu em sua última Circular, que teve como tema a espiritualidade marista. Um grande número de homens e mulheres que não eram membros professos do Instituto foi incentivado a nomear-se e reivindicar-se como maristas. Na verdade, na vida e na missão maristas em muitas partes do mundo, apenas alguns Irmãos apoiavam um grupo numericamente muito maior desses novos maristas, e não o contrário.

Essa compreensão ampliada de quem era marista e a efetiva indução de muitos milhares de novas pessoas à vida e missão marista estavam acontecendo, no entanto, num momento em que a pessoa e, infelizmente, às vezes o culto, do Fundador estava em seu auge. Houve também uma maior ênfase na identidade marista, em alguns lugares às custas do propósito marista. O lançamento de Nos passos de Marcelino Champagnat, por exemplo, listou cinco características do estilo distintivo marista de fazer evangelização que, em algumas regiões, passou a ser mal compreendido como a base do que era ser marista.

Novamente, estilo em vez de substância. Olhando retrospectivamente, é razoável perguntar: Qual era o autoconceito do mundo marista no qual esses novos maristas estavam sendo introduzidos? Até que ponto se concentrou principalmente em Marcelino Champagnat e/ou no estilo cultural marista, em vez de explicitamente em Jesus Cristo e no discipulado cristão? Os dois não são mutuamente exclusivos, é claro, mas é uma questão de orientação e equilíbrio.

Avançamos para 1999, ano em que foi escrito o “discurso papal” do Irmão Charles. O entusiasmo em torno da canonização foi imenso. A imaginação das pessoas foi capturada. Eventos foram organizados em todo o mundo marista, culminando na própria semana da cerimônia. As pessoas vieram de todos os lugares. Da Austrália, por exemplo, mais de cinquenta escolas maristas enviaram representantes de estudantes e funcionários a Roma. Os irmãos entraram em votação para serem



escolhidos. Ex-alunos e outras mulheres e homens maristas juntaram-se a eles. A animada delegação da Austrália ocupou a maior parte da seção econômica de um Qantas 747. Chegando a Roma, eles se juntaram ao maior grupo de maristas já reunido em um só lugar, ou que provavelmente estará – dezenas de milhares. Todos usavam seus “lenços Champagnat” e cantavam com frequência o nome do novo santo enquanto andavam por Roma. Entre os peregrinos estavam cerca de mil Irmãos, então um quinto do Instituto, que, num dos eventos de abertura, reuniram-se numa noite memorável na Casa Geral. Foi a este grande grupo de Maristas que o Irmão Charles imaginou que o Papa João Paulo II estaria falando. O que ele queria que o Santo Padre dissesse?

Surpreendentemente, mas parece deliberadamente, ao longo dos dezessete parágrafos do discurso, há relativamente pouco foco no próprio São Marcelino. Quando ele é mencionado, quase sempre é no contexto do que ele pode ensinar aos maristas contemporâneos sobre fé e discipulado, sobre viver no amor e na presença de Deus, sobre formar uma comunidade e sobre ser encorajado para a missão. Desde o início, o Irmão Charles situa Marcelino na sua experiência do amor de Deus e na sua resposta a ele. No primeiro parágrafo ele também apresenta Maria, não de forma devocional, mas como modelo de discipulado. Já no segundo parágrafo, somos nós – os ouvintes, os maristas de hoje – que nos tornamos o foco. Charles primeiro nos garante que cada um de nós “tem um lugar especial no coração de Deus”.

O discurso é bastante cristocêntrico em sua teologia e centra-se principalmente na vida e na obra dos maristas de hoje: “Jesus foi o foco total da vida de Maria; ele deve ser o nosso foco. Esta experiência de Jesus não poderia levar a outro lugar senão a uma resposta de amor: “Todos somos chamados a continuar a missão de Jesus, a levar vida aos outros, e sei que muitos de vocês fazem isso na nobre vocação de ensinar.”

Charles então passa a usar a linguagem característica marista para descrever a maneira distintiva marista de compartilhar a missão de Jesus, com palavras como “paixão” e “zelo”, “amar os alunos”, “família” e “lar”. A maior parte da segunda metade do discurso trata de ênfases pelas quais Charles Howard era bem conhecido, e que ele esperava que fossem características da vida e missão marista em todos os lugares: que os maristas sejam “mensageiros de amor, de justiça e de paz”; “homens e mulheres solidários”; “audaciosos”, “ousados” e “corajosos”. O último ponto é especialmente comovente no contexto dos Maristas que foram mártires na década anterior, cuja memória dessas mortes ainda estaria bastante viva. Ele inclui uma mensagem que seria típica de Marcelino – sem realmente nomeá-lo – ao encorajar de todo o coração seus ouvintes, com otimismo e garantias do valor de suas vidas e de seu trabalho como maristas.

Até este ponto, a apenas seis parágrafos do final do discurso, está implícito que o Papa está falando a um amplo grupo de Maristas – mulheres e homens, religiosos, clérigos e leigos. Ao fazer isso, Charles está afirmando claramente o alargamento da tenda marista e, ao fazer com que o Papa diga as palavras, ele está querendo que a Igreja também o afirme. Mas depois ele torna-se bastante explícito: “Sejam um exemplo brilhante de leigos e religiosos que trabalham juntos com ousadia na grande e árdua aventura da evangelização dos jovens e das suas famílias... sejam modelos de uma nova visão da Igreja”. Só depois de tudo isso ele dedica um parágrafo específico aos Irmãos, chamando-os à renovação e à “refundação” que era o tema da época.

Ele então retorna ao seu público marista mais amplo e termina onde começou – com Jesus: “sejam testemunhas alegres do mistério pascal de Jesus, homens e mulheres, jovens e idosos, chamados a ser mensageiros de esperança”; “Marcelino Champagnat... ficaria feliz em ver a união pela qual lutamos hoje com sacerdotes, religiosos e leigos... todos com o chamado comum de continuar a missão de Jesus. Maravilhoso!”



O Irmão Charles Howard, neste discurso por ocasião da canonização, pode ser visto celebrando um grande desenvolvimento no mundo marista enquanto sutilmente corrige outro. A afirmação obviamente é para a compreensão nova e inclusiva da pertença à comunidade marista e de como esta poderia ser um paradigma profético para outras famílias espirituais dentro da Igreja. A advertência mais silenciosa é levar esta família de pessoas ao que, ou quem, deveria estar no centro de tudo para eles: Jesus Cristo. E, por implicação, não Marcelino Champagnat. Ele os exortava não tanto a amar e celebrar Marcelino, mas a amar e celebrar o que Marcelino amava e celebrava. A diferença foi essencial. Um interessante pós-escrito da canonização e do projeto de discurso do Irmão Charles Howard é a estátua que foi instalada num nicho da Basílica de São Pedro no ano seguinte e abençoada pelo Papa João Paulo II, um presente do governo da Costa Rica. Há muito que pode ser dito sobre esta impressionante escultura de São Marcelino de Jiménez Deredia, mas para os propósitos deste artigo um pequeno aspecto de sua história pode ser pertinente. Quando o projeto – invulgarmente moderno para aquele edifício barroco ornamentado de estilo renascentista – foi submetido às autoridades do Vaticano, a aprovação foi dada, talvez de má vontade. Mas insistiu-se numa pequena mudança: não havia nada que indicasse que Marcelino era sacerdote, por isso uma cruz deveria ser colocada em algum lugar sobre ele. Deredia colocou uma em sua mão. Esta decisão atraiu críticas de alguns setores maristas, como uma interferência injustificada na licença artística. Mas talvez não tenha sido uma ideia tão ruim. Isso nos lembra que Marcelino foi moldado por uma identidade e um propósito mais profundos.